Editorial

Para *Stylus* 53, decidimos manter o alinhamento com a edição anterior no que diz respeito ao tema contido em seu título "A formação do analista e a transmissão da psicanálise". Essa decisão editorial pautou-se no recebimento de uma profusão de trabalhos sobre o tema, oriundos do Encontro Nacional em Maceió, em 2025, mas não restritos a ele. O tema, por si só, convoca os psicanalistas; constatamos que muitos se propuseram escrever e formular sobre o percurso e a singularidade da formação enlaçada à transmissão. Esta edição convida todos a dar mais uma volta nesse enlaçamento.

Com a sistematização dos textos, estruturamos três seções que percorrem a teoria, a clínica e os dispositivos de Escola.

Na primeira seção, *Trabalho Crítico com os Conceitos*, lemos inicialmente Matías Buttini, que interroga a articulação entre a clínica e a política da psicanálise, tomando a dimensão epistêmica como fio condutor de seu trabalho. Guilherme Braga, Simone Ravizzini e Talita Baldin, autores do segundo texto, propõem que cada um, ao se deparar com as letras, possa fazer uso delas e da poesia para acessar a transmissão em psicanálise. Patricia Civeira coloca a escrita em evidência, tomando-a como um produto do dizer em análise.

Na sequência, temos dois artigos que tratam dos desafios contemporâneos e da formação do analista: o primeiro, de autoria de Tatiana Siqueira Ribeiro, e o segundo, escrito por Diêgo Alves Fernandes, Jacqueline de Oliveira Moreira e Camila Fernandes. Atentos às tentativas de regulamentação da psicanálise, às falácias dos cursos rápidos, ditos de "formação", que operam sob uma lógica mercantilista, e às demandas incessantes por atendimentos *on-line*, os autores sustentam uma consistente argumentação sobre a ética que rege o percurso da formação. Thiago Oliveira Santana também escreve sobre a regulamentação, pautando suas elaborações no texto lacaniano "Proposição de 9 de outubro de 1967", elegendo o significante *impossível* como eixo principal para discorrer sobre a formação. "Fracassar todos os dias", é como Ana Cristina Sampaio intitula seu texto, situando o fracasso como um "ponto estrutural, ligado ao que não se sutura e que escapa a qualquer promessa de totalidade".

Em seguida, lemos Tatiana Borsoi, que escreve sobre a violência contra a mulher e o feminino na contemporaneidade, discutindo como esses temas impactam e interferem na formação do analista. Caroline Alves do Nascimento Chaves Cordeiro e Cláudia Ferreira Melo estabelecem um diálogo entre os textos de Freud, Lacan e Byung-Chul Han, para construir uma crítica à lógica capitalista e ao sofrimento na atualidade. Também na perspectiva de promover uma conversa intertextual, Thiago Silverio Lourençato Barbosa convoca as leituras dos textos de André Green e Theodor W. Adorno, utilizando o filme *A zona de interesse* para tratar o que nomeia como radicalização na contemporaneidade.

A segunda seção, *Direção do Tratamento*, é composta por três textos, que oferecem ponderações sobre a clínica e suas especificidades. O trabalho inicial, de autoria de Wildicleia Lopes, toma o "silêncio como ato ético", destacando que a presença silenciosa do analista o coloca diante de riscos, de não garantias e de um lugar de coadjuvante. Tamiris Reis interroga a posição do analista diante da branquitude — conceito trabalhado com base nos argumentos de Cida Bento a respeito do assunto — e "ousa" articular, parafraseando Sidi Asfokaré, psicanálise ou branquitude. Encerrando a seção, acompanhamos as formulações de Amanda Sholaude Bezerra sobre como o controle opera na organização obsessiva, podendo ser lido como uma "modalidade de gozo superegoico articulada ao Ideal do Eu".

Para encerrar esta edição, os textos abrigados na seção *Espaço Escola* trazem as contribuições de Ruben Artur Lemke, Marcella Laboissière e Olga Amazonas. Os autores se dedicam, respectivamente, ao cartel, ao modelo Eitingon e ao tripé, ao trabalho no Fórum, temas que são desenvolvidos com base na experiência do fazer Escola, o que acena de forma contundente para a lógica da formação e da transmissão nas referências que nos orientam.

Para finalizar, uma palavra da equipe: esta foi a quarta e última edição da revista produzida por esta equipe de publicação; portanto, encerramos aqui nosso tempo na função de editoras. Primeiro, fazemos um agradecimento à Comissão de Gestão da EPFCL-Brasil, nominalmente, Glaucia Nagem, Daniele Salfatis e Elynes Barros, pelo apoio e pela presença constantes, e aos colegas da equipe de publicação anterior, que estiverem sempre dispostos a colaborar conosco.

Também consideramos importante registrar que, ao longo dos últimos dois anos, buscamos firmar uma direção de trabalho alinhada às orientações de nossa Escola. Para isso, mantivemo-nos atentas às delicadezas que uma publicação exige. Aprendemos que, por não se tratar de uma tarefa editorial nos moldes acadêmicos, lidamos com as sutilezas do saber não-todo, do fazer analítico, das incompletudes, das capturas imaginárias que se presentificaram nos textos e nos diálogos com autores e pareceristas. Desejamos que esta revista continue a sustentar seu lugar de transmissão na Escola e que a palavra escrita siga fazendo marca e apurando a escuta. Ou, nas palavras de Manoel de Barros:

Escrever nem uma coisa
Nem outra — A fim de dizer todas —
Ou, pelo menos, nenhumas.
Assim, Ao poeta faz bem
Desexplicar — Tanto quanto
escurecer acende os vaga-lumes.

Fortaleza, novembro de 2026
Ercilia Maria Soares Souza
Pela equipe de publicação de *Stylus* (2025-2026)